

Rio de Janeiro, 7 de Outubro de 1937

Meu querido Antonio Salles: Tenho duas cartas tuas a responder: uma, de 30 do mez findo, e outra, de 2 do corrente mez, esta com a noticia que deste no "O POVO", sobre a "Autopsia de uma calumnia", Magnifica a noticia, sobretudo como trabalho de synthese. Foste feliz em enfeixar os pontos substanciaes. O estado de espanto em que toda gente ficou com a inesperada decretação da medida extrema que é o "estado de guerra" - ainda não conseguio fazer com que o rithmo da vida nacional voltasse ao statu quo ante. A excepção feita para São Paulo e Rio Grande do Sul, a cujos governos não se entregará a execução do "estado de guerra" deixou bem á mostra para que se desejava a medida. Succede, porém, que as forças armadas ficaram, perante a Nação, como fiadoras da execução da medida. A excepção pretendida veio alertar os fiadores e estes não consentem a excepção, sem duvida nenhuma injustificavel e parcial demais para ser acreditada. Dahi a origem de uma crise que, embora latente, já se prevê. Desse modo, a medida extrema, solicitada como exigida por uma gravidade sem par e por uma urgencia desmarcada, deixa agora bem patente a farça que, de comedia que é, pode, pela inconsciencia de alguns, degenerar em coisa bem mais séria. Os fins politicos, acobertadas num pretenso perigo imminente, ficaram bem nitidas e, nesta altura, os militares, com dignidade bem comprehendida, não querem consentir que, na execução, se desvirtue a medida.

Vê-se, assim, a Nação, inesperadamente, com uma eleição presidencial á porta, num estado de coisas em que as garantias constitucionaes estão suspensas. Como fazer uma campanha eleitoral, de intensa pregação democratica, sem as mais comessinhas garantias constitucionaes ? Bem se vê que é impossivel. Dahi o espanto de toda gente, pois que a tranquilidade era e é completa em todo paiz, ficando claro que nada justificava a medida, somente exigida

para suspender a vida normal da Nação. Esperemos, todavia, os acontecimentos. Elles demonstrarão os rumos a seguir. Continuaremos nós a manter o nosso candidato, cuja victoria, numa eleição livre, não deixa mais duvida. E aqui se encontra a causa, a origem, o motivo unico desse caricato estado de guerra. A democracia brasileira, já tão combalida está com a sua vida á prova, nessa crise sem precedentes. Deus que nos ajude a salva-la, porque, o impatriotismo de certos brasileiros que desejam arrastar o paiz para extremos, que a Nação repelle, esquecem-se de que a vida dos povos não se destroe com a mesma facilidade. E a historia desse momento ha de apontar um dia o nome daquelles que levaram a patria para a ruina... Eis ahí, meu caro Antonio Salles, debuxado, em rapidas linhas, o quadro actual do momento brasileiro. Ninguem sabe o que sahirá dahi. Talvez uma candidatura de conciliação possa surgir como remedio capaz de enfrentar o inimigo commum. Aguardemos os acontecimentos afim de que nos seja possivel vêr um pouco mais claro nas trevas desse confusioismo, preparado adrede, para que os pescadores de aguas turvas possam tirar a sardinha com a mão do gato. Essa a verdade.

Nada te posso dizer da minha viagem, dado que é impossivel prever o seguimento dos factos. Em todo caso nutro a esperança de poder revel-os ainda que numa rapida estadia para trazer os meus livros e outros objectos que ahí deixei, aproveitando esse pretexto para matar as saudades de amigos como tu, que são muitas. A Dondon, a que tenho me referido, é - devias ter comprehendido - a Nanoca, tua sogra. A confusão de Dondon nasceu da Dondon Feijó, confusão razoavel para um homem como eu que, no momento, vive com a cabeça a arder. Desse modo e sem fazer pilheria, ficas autorizado a lêres Nanoca onde escrever Dondon. E's um homem terrivel, não deixas passar nada. Abraços e saudades para Alice, Nanoca, Duduta, Filho Amado, pessoal do atelier e demais amigos da nossa roda. Recebe um saudoso abraço do teu

*fraterno amigo Paul*